

NAVEGAR É PRECISO! SOBREVIVER É URGENTE! METÁFORAS DE VIDA E DE EDUCAÇÃO¹

■ BETHANIA MEDEIROS GEREMIAS

 <https://orcid.org/0000-0002-1188-7706>

Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

Nesta narrativa autobiográfica, são relatadas e analisadas vivências singulares de uma professora universitária durante o ensino remoto, concebido como alternativa emergencial frente à pandemia do coronavírus para que as atividades formativas tivessem continuidade. A partir de um olhar crítico para a inserção de Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) nos processos de ensino e aprendizagem no Ensino Superior, a autora descreve sua participação em alguns dos momentos decisórios institucionais sobre o modo como as aulas teriam continuidade. Além disso, a autora, ao narrar suas memórias e práticas, apresenta sua vivência docente durante o período de adaptação do ensino presencial ao remoto, valendo-se de dados de pesquisa em ensino, por ela desenvolvida, para analisar os dilemas vivenciados durante a disciplina virtual e as avaliações dos estudantes sobre a experiência dessa formação não presencial. Assim, analisa que pensar criticamente a técnica e nossa relação com ela é fundamental para que possamos rever nossas práticas pedagógicas no retorno às aulas presenciais, de modo a explorar as múltiplas possibilidades didáticas de integração das tecnologias contemporâneas nas salas de aula universitárias de forma crítica e coletiva.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. Educação superior. Covid-19.

ABSTRACT

NAVIGATING IS NECESSARY! SURVIVAL IS URGENT! METAPHORS FOR LIFE AND EDUCATION

In this personal narrative, we report and analyze the unique experiences of a university professor during the Remote remote teaching program, conceived as an emergency alternative to the Coronavirus pandemic, so that educational activities could continue. From a critical look at the insertion of Digital Information and Communication

¹ Pesquisa financiada com bolsa de Iniciação Científica da Fundação Arthur Bernardes (Funarbe) e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade.

Technologies in the teaching and learning processes in Higher Education, the author describes her participation in some of the institutional decision-making moments about the way the classes would continue. Moreover, the author, while narrating her memories and practices, presents her teaching experience during the period of adaptation from face-to-face teaching to remote teaching, using data from her own research in teaching to analyze the dilemmas experienced during the virtual discipline and the students' evaluations about the experience of this non-face-to-face training. Thus, she analyzes that thinking critically about technology and our relationship with it is fundamental for us to review our pedagogical practices when we return to face-to-face classes, in order to explore the multiple didactic possibilities of integrating contemporary technologies in university classrooms in a critical and collective way.

Keywords: Personal narratives. Educational Politics. Teacher Education. COVID-19.

RESUMEN **¡NAVEGAR ES NECESARIO! ¡LA SUPERVIVENCIA ES URGENTE! METÁFORAS DE LA VIDA Y DE LA EDUCACIÓN**

En esta narración autobiográfica se relatan y analizan vivencias únicas de una docente universitaria durante la Enseñanza Remota, concebida como una alternativa de emergencia ante la pandemia del Coronavirus para que las actividades de formación pudieran continuar. A partir de una mirada crítica a la inserción de las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación en los procesos de enseñanza y aprendizaje en la Educación Superior, la autora describe su participación en algunos de los momentos institucionales de toma de decisiones sobre la continuidad de las clases. Además, la autora, al narrar sus memorias y prácticas, presenta su experiencia docente durante el período de adaptación de la enseñanza presencial a la remota, utilizando datos de investigaciones en docencia, desarrollados por ella, para analizar los dilemas vividos durante el curso y las valoraciones de los alumnos sobre la experiencia de esta formación no presencial. Así, analiza que pensar críticamente la técnica y nuestra relación con ella es fundamental para que podamos revisar nuestras prácticas pedagógicas en el retorno a las clases presenciales, con el fin de explorar las múltiples posibilidades didácticas de integrar las tecnologías contemporáneas en las clases universitarias. de forma crítica y colectiva.

Palabras clave: Narrativa autobiográfica. Educación universitaria. COVID-19.

A narrativa autobiográfica em cenário pandêmico na Educação Superior

O trabalho com narrativas de vida e autobiográficas tem sido utilizado como possibilidade de registrar memórias e experiências no âmbito da formação docente. Ao atuar como formadora de pedagogas, desenvolvi algumas experiências de leitura e escrita com as estudantes do curso de Pedagogia: trocas de correspondências entre universidades distintas, entrevistas e análises narrativas (BERTAUX, 2002), bem como a escrita de cartas publicadas em livro.

Tendo desenvolvido algumas pesquisas acadêmicas focadas na integração das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas práticas pedagógicas escolares e universitárias, tive a oportunidade de participar de alguns processos decisórios e formativos envolvendo questões relativas a essa temática durante a pandemia na instituição em que atuo como professora e pesquisadora.

Assim, vi-me instigada a produzir uma narrativa autobiográfica sobre as experiências, sentimentos, expectativas, dúvidas e diversos pensamentos que se produziram no processo. Conforme Santos e Torga (2020, p. 124), “[...] a perspectiva individual de cada subjetividade sobre o mundo e suas relações com ele passa a oportunizar à sua coletividade condições de enriquecimento intelectual e material”.

Lejeune (2008, p. 16) define a autobiografia como a “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Essa definição abarca intenção pessoal deste texto autobiográfico que é a de narrar experiências e reflexões processuais sobre minha inserção em algumas práticas profissionais e pedagógicas, desenvolvidas na universidade

em que atuo como professora do curso de Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação durante a pandemia de covid-19.

As narrativas autobiográficas possibilitam, ainda, que os episódios sejam relatados e analisados de modo contextualizado, possibilitando que os sentidos colocados em funcionamento pelo narrador/autor ponham em “[...] evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido” (FREITAS; GALVÃO, 2007, p. 221). Conforme Alves (2001, p. 35),

[...] ao dizer uma história, somos narradores praticantes traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio de nosso modo próprio de contar. Exercemos, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do aprender ensinar.

Destarte, ao narrar acontecimentos do ponto de vista individual, acredito contribuir com o enriquecimento de debates coletivos e com exemplos que expressam o cotidiano de determinado grupo social, no caso, dos professores formadores universitários que atuaram durante a pandemia.

Um poema e os dilemas iniciais

Eu começo este texto autobiográfico com uma poesia intitulada “Um poema para Paulo: o mestre das cartas-asas”, escrito por mim, no dia da comemoração do centenário de Paulo Freire e durante a pandemia de covid-19.

Não consigo mais acompanhar: as mortes, as *lives*, os eventos, as chamadas para artigos
 Queria poder transformar:
 as mortes em metáforas para uma vida diferente;
 as *lives* em *lifes* (potência e essência);
 os eventos em acontecimentos sublimes;
 as chamadas em artigo para chamados para a vida plena.
 Não consigo mais suportar:
 a dor, a fome, a miséria, a ignorância

Queria simplesmente comemorar:
a alegria de estarmos vivos; a abundância que a terra nos dá;
a riqueza espiritual e moral;
a sabedoria, que vem da experiência e do respeito ao que os homens,
em comunhão, produzem e partilham (saberes científicos, históricos, culturais, artísticos e ancestrais).
Queria ter mais tempo:
para a *life* do que para as *lives*;
para plantar – esperar – colher;
para amar e sorrir
Queria menos partidas e mais encontros.
Que os amigos não deixassem de sonhar.
Que a esperança se transformasse em Esperançar.
Que o verbo mais usado fosse o amar
E que as crianças pudessem ainda sonhar!
Sonhar com um futuro digno.
Sonhar com um mundo melhor.
Sonhar com uma educação de verdade.
Que não lhes suprima a vontade.
Que não lhes tolha o desejo e nem a curiosidade
Queria menos egoísmo
E um pouco mais de altruísmo
Queria olhar mais para o céu
E menos para o abismo
Um vir-a-ser permanente
De poder ser livremente
Mais humano e consciente.

A palavras proferidas por Freire em distintos textos e momentos, inclusive em suas cartas, convidam-nos a refletir e repensar nossa profissão docente. Sobretudo, aquelas que fazem referência à necessidade de nos reconhecermos como sujeitos fundamentais no processo de mediação do mundo. Falo, portanto, de um espaço-tempo marcado por inúmeros avanços no contexto científico e tecnológico, mas ainda pouco acessíveis às populações mais carentes.

Assim, falar de tecnologias, implica dizer de um saber específico que não faz referência somente às TDIC, mas a todas as técnicas que construímos e utilizamos em nosso processo de humanização e hominização. Para tanto, é imprescindível não perder a capacidade

de sonhar e, mais do que isso, de esperar. Os tempos são duros, mas nosso coração não precisa deixar-se embrutecer. É hora de resgatar as chamadas velhas utopias, para que nos tornemos mais humanos e mais conscientes: de nossa vida e do que almejamos para nossas crianças no futuro.

Não há atividade que não seja mediada pela técnica. Não há atividade ou produto da relação dos homens e mulheres com as técnicas que não deixe a marca de nossas mãos, de nosso pensamento e de nossa imaginação. Será possível pensar em uma educação que, consciente da importância de sua atividade e de seus instrumentos, busque, cada vez mais, democratizar os bens culturais produzidos socialmente? Acredito que, ao falarmos em mediação técnica, estamos falando de mediação humana. Ao falarmos de educação, estamos falando de uma ação. Sendo uma ação, cabe a nós decidirmos o que queremos transformar, para que e para quem.

Com esse preâmbulo, dou início à socialização de algumas experiências e reflexões processuais sobre minha inserção em algumas práticas profissionais e pedagógicas, desenvolvidas na universidade em que atuo como professora do curso de Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação.

As primeiras reações e movimentos: o que precisávamos fazer e aprender

No ano de 2020, participei de algumas ações no âmbito da universidade que visaram contribuir com o processo de transição do ensino presencial ao remoto: organização de cursos, palestras, minicursos e outros eventos que me incitaram a encontrar meios de relatar a minha vivência profissional e refletir sobre o meu papel enquanto pesquisadora e formadora de profissionais da educação.

Na segunda quinzena do mês de março do ano de 2020, estávamos em sala de aula de um curso de Pedagogia, de uma universidade federal, discutindo a primeira unidade da disciplina em que lecionava nesse período letivo.

Murmúrios de uma pandemia se alastrando pelo globo passam a ficar mais fortes com as primeiras manifestações no Brasil sendo divulgadas. O carnaval seguiu normalmente, embora se soubesse que já tínhamos casos aqui.

Lembro-me como se fosse ontem de uma estudante perguntando se a universidade continuaria funcionando normalmente. Houve um alvoroço na sala e, pela primeira vez, pude sentir o cheiro e o gosto do medo invadindo a sala de aula e a vida. Eu disse que não estava sabendo de nada até o momento, mas fiquei de investigar se havia alguma discussão sobre isso no âmbito administrativo. Nessa semana mesmo, comecei a planejar uma aula sobre coronavírus, para que pudéssemos estudar com mais profundidade o assunto, em seus aspectos científicos, políticos e sociais.

Deixarei aqui um certo suspense sobre a continuidade da história, para falar um pouco sobre mim e a posição da qual eu escrevo este breve relato pessoal de uma professora em construção.

Eu já passei por todas as fases de uma carreira acadêmica: do jardim de infância ao pós-doutorado. Graduada em Pedagogia, fiz concurso para carreira de magistério em município litorâneo. Nascida no litoral, sempre usei navegar por outros mares e conhecer outros mundos. Sempre vi o oceano como uma metáfora linda da vida: imprevisível e surpreendente. Algo que parece infinito do lugar em que o observamos, mas que tem seu término em algum lugar do outro lado. Não é assim a vida? O que acham?

Com esse olhar para o distante, fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado na área de Educação Científica e Tecnológica. Um pouco

em minha cidade natal, outros momentos da França e um curto período em Ilhéus (BA). Descubri que entre o Sul e o Norte existem vários países e, que no outro lado do Atlântico há diferentes culturas, línguas, cosmovisões. Conclui a pequenez da existência, mas entendi a grandeza da humanidade e de sua diversidade.

Penso que o tal do coronavírus – o SARS-CoV-2 – e a doença que provoca – a covid-19 – também aprendeu a viajar e a se adaptar. Nesse caminho, foi se transformando em outro, mudando seus mecanismos para continuar existindo. Talvez eu e ele tenhamos algo em comum.

Retorno agora a contar da semana em que voltei para casa, depois de uma noite de aula, desse assombro que nos gerou uma série de indagações sobre o futuro – não aquele longínquo e intocável –, mas aquele imediato, desse pavor primeiro, de algo que pouco conhecíamos cientificamente (mesmo).

Nessa noite, eu não consegui dormir. A primeira coisa que fiz ao abrir o computador foi fazer pesquisas sobre o vírus, entender o que já se sabia sobre sua prevenção, propagação, funcionamento e, até mesmo, que pesquisas estavam sendo desenvolvidas para a produção de vacinas. Bom, a aula das primeiras manifestações de angústia dos estudantes foi numa quinta-feira. Na sexta, eu comecei a montar uma aula, pensando no que poderíamos debater em sala na próxima semana, pois dizem que o primeiro passo para derrotar um inimigo é conhecê-lo.

Eis que após um fim de semana marcado pela tensão, saiu a primeira decisão sobre o funcionamento da universidade no seu site de notícias. Primeiro, anunciava o cancelamento das atividades presenciais sem data limite. Em seguida, aconselhava aos estudantes que voltassem para suas cidades de origem, pois em caso de surto no município não haveria estrutura nos hospitais para atender a toda a população. Vale lembrar que aqui na cidade onde a

universidade se localiza uma parte significativa de seus moradores são professores e estudantes de outros lugares, incluindo das cidades pequenas e inseridas em zonas rurais. Claro que há gente de todo lado, até de outros países.

Parou tudo! Tudo mesmo. De março a maio, mais ou menos, ficamos no vácuo. Alguns estudantes ainda ficaram por aqui, com a esperança de que esse período fosse breve. Chegou o momento em que começou a ficar dispendioso manter apartamento na cidade, sem a razão maior para isso: estudar.

A cidade esvaziou um pouco. O vazio ficou maior aqui dentro. Como professora universitária, temos várias funções, não conseguimos parar nem que queiramos. Acredito que essa pandemia me tornou bem produtiva. Criei cursos de extensão virtuais, escrevi artigos, projetos de ensino e pesquisa. Até aquele grupo de pesquisa que precisava ser cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) conseguiu ser criado. Parcerias foram feitas, todas a distância, e o tal do projeto guarda-chuva, que estava de molho, tomou forma. Virou projeto de vida. Tecitura necessária para que eu pudesse me sentir viva. Justificativa de encontros, mesmo que virtuais. Uma realidade possível.

No meio desse furacão, fui convidada pela Pró-Reitoria de Ensino da universidade para compor uma comissão de organização de debates em torno das questões envolvendo possibilidades de mediar as práticas educativas universitárias por meio das TDIC. O convite era pertinente às minhas experiências e estudos no âmbito da integração dessas tecnologias nas práticas educacionais. Dois mestrados, um doutorado e um pós-doutorado voltados para a temática das relações entre tecnologia, educação e sociedade me qualificavam para auxiliar na compreensão do momento presente e para a busca colaborativa de formas virtuais de manter o vínculo com os estudantes, ou

seja, de dar sequência ao ano letivo, marcado pelas contingências atuais.

Ao trazer esse acontecimento para esta autobiografia, tenho a intenção de contextualizar o processo de decisão sobre a implementação do ensino remoto em nossa universidade, ainda que superficialmente, e descrever e discutir como foi a minha implicação como professora, especialista na área de Educação, Tecnologia e Sociedade e outras ações mais pontuais particulares, articuladas às minhas próprias experiências pedagógicas com o ensino remoto e pesquisas que venho realizando nesse processo de ação-reflexão sobre a prática docente mediada pelas TDIC e desenvolvida virtualmente.

Ao aceitar o desafio de participar da comissão citada anteriormente, vivi um momento de conflito, que chamei depois de paradoxo, posto que, ao trabalhar com perspectivas críticas da tecnologia (FREIRE; FREIRE; OLIVEIRA, 2016; FEENBERG, 2012; FREIRE, 2000; VIEIRA-PINTO, 2005), vi-me assolada pela seguinte contradição: contribuir para um processo de construção de uma via alternativa para que os estudantes pudessem continuar os seus estudos virtualmente, independentemente do fato de saber que nem todos tinham acesso adequado às TDIC e à internet, ou não aceitar a proposta, por ter a consciência de que muitos não poderiam dar continuidade aos estudos por uma série de fatores, como:

- i. estarem em zona rural (na qual a qualidade de conexão é muitas vezes ruim);
- ii. não terem os suportes físicos necessários a um estudo com qualidade (muitos possuem apenas celulares e outros computadores não adequados e outras ferramentas informáticas utilizadas em aulas virtuais);
- iii. a inexistência de uma cultura de mediação do conhecimento por meio de tecnologias digitais – por parte dos professores – e de gerenciamento autônomo das aprendizagens e do tempo de estudo por parte dos(as) estudantes, para além das aulas chamadas síncronas;

- iv. necessidade de cuidar dos filhos, da casa e dar conta de todo um contexto de dificuldade que surge com o isolamento social, além das condições financeiras e privações nesse âmbito com os fechamentos ou paralisações dos postos de trabalho – sobretudo as estudantes mães e trabalhadoras encarregadas, em grande parte, do sustento da família; entre outras razões.

Além desses possíveis impedimentos referentes aos(às) estudantes, pensei muito na formação dos professores para essa mudança de espaço de aprendizagem e postura de ensino. Sobretudo por ter desenvolvido pesquisa de mestrado sobre o letramento digital desses profissionais entre os anos de 2005 e 2016, que me garantia embasamento para inferir que, mesmo no presente, este ainda havia pouco avançado, tanto nas escolas quanto nas universidades. E, mesmo com a implementação de salas informatizadas, nas primeiras e, dos Centros de Educação à Distância, nas segundas. É fundamental pontuar que o tempo para uma formação adequada seria exíguo frente à urgência de apresentarmos propostas para que o ensino fosse garantido de modo remoto em nossa universidade.

Resolvida essa crise interna, aceitei compor a comissão e planejamos uma série de Webinários – abertos a toda a comunidade escolar e externa – que tiveram como foco a mediação pedagógica por meio das TDIC. Para sua efetivação, definimos algumas temáticas, o tempo de desenvolvimento, as finalidades das falas e convidamos especialistas na área de Educação para trocar experiências. É preciso considerar a clareza dessa comissão sobre a diferença entre a Educação a Distância (EAD), enquanto modalidade de ensino própria – garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, e esse outro modo de interação pedagógica surgido em contexto emergente e, denomi-

nado Ensino Remoto Emergencial, por grande parte das instituições educativas (HODGES *et al.*, 2020).

Ao levarmos em conta nessa decisão coletiva que muitos estudantes poderiam se formar desse modo, arriscamos construir respostas institucionais frente às necessidades postas pela pandemia de covid-19. Afinal, será que seríamos sensatos ao excluir os estudantes que eventualmente quisessem e pudessem continuar os cursos, nos quais estavam matriculados, por medo de excluir aqueles com as dificuldades relatadas anteriormente? As alternativas para minimizar a força das exclusões deveriam ser construídas em conjunto, via instituição – de um lado – e, via políticas públicas – de outro. No âmbito mais estrito, o da minha universidade, relato posteriormente algumas dessas alternativas.

Sobre as condições estruturais para a efetivação do ensino remoto

Em 13 de maio de 2022, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da universidade em questão, através de resolução específica, aprovou e iniciou o movimento de implementação do Período Especial de Outono (PEO), de modo remoto, para o ensino técnico, a graduação e a pós-graduação, mediados pelas TDIC. Esse período teve duração de 45 dias – de 8 de junho a 22 de julho de 2020 – e não foi obrigatório para docentes e discentes. Havia a perspectiva de tornar essa ação uma forma de experimentar as possibilidades de ensinar e aprender desse outro modo.

Por estar desenvolvendo várias atividades nesse momento, tais como um curso de extensão, escrita de projetos e realização de curso oferecido pela universidade sobre as TDIC, entre outras, resolvi esperar um pouco mais para ofertar as minhas disciplinas. Relatarei algu-

mas dessas atividades de ensino, pesquisa e extensão mais à frente.

A questão da exclusão dos estudantes sem condições de acesso à internet, por uma fragilidade financeira, seria minimizada com a oferta de pacotes de dados móveis ou *chips* de internet. Para tanto, em 2020, foi apresentado pelo Ministério da Educação (MEC) brasileiro o Projeto Alunos Conectados (PAC), com o intuito de disponibilizar, por meio de edital, pacotes de dados móveis para estudantes em condições de vulnerabilidade socioeconômica no período remoto. O projeto citado foi promovido pelo Governo Federal e visou atender de modo prioritário estudantes com renda per capita familiar de até 0,5 salário mínimo, podendo ser classificados inscritos com renda per capita familiar de até 1,5 salário mínimo (BRASIL, 2020). Contudo, a questão da qualidade de conexão permanece até hoje um problema para aqueles estudantes que habitam regiões em que falhas nesse âmbito são constantes, inclusive para os professores.

Com certeza, essas questões estruturais são relevantes, principalmente quando estamos situados em um país cuja desigualdade social se materializa na ausência de condições mínimas para que todos os brasileiros e brasileiras tenham qualidade de vida, o que inclui acesso a uma série de bens culturais e estruturais produzidos e, ainda inacessíveis para grande parte da população. Com a pandemia de covid-19, tivemos o desprazer de nos darmos conta de que a desigualdade e a carência cultural, social, científica, tecnológica e econômica de grande parcela da população – com raça, gênero e classe bem delineadas – é perversa e se materializa com mais força nesse momento.

Considerando o acesso à internet, a alfabetização e o letramento digital, é importante trazer resultados de pesquisas, tais como as promovidas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da In-

formação (Cetic.br), que investigou e analisou dados sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros: TIC Domicílios, 2018 e 2019.

Com base nas análises promovidas nesses relatórios, é possível afirmar que apesar de haver uma expansão no acesso às TIC no Brasil, esta ainda não é uniforme, pois é ainda marcada por desigualdades no acesso e no uso da internet: regionais – com foco nas áreas urbanas e rurais – e relativas às diferenças entre as classes, raças e gêneros. Se por um lado, há a sinalização de um avanço, na medida em que metade da população de baixa renda (classes DE) utilizam a rede (48%); de outro, há uma grande diferença quando esse acesso diz respeito às classes de alta renda: classe A (92%) e B (91%).

Comemorar um avanço progressivo na inclusão digital das classes menos favorecidas não implica desconsiderar que há muito que avançar nesse sentido, posto que a dimensão do acesso não deve se sobrepujar à formação de todos os cidadãos brasileiros, independente de raça, gênero ou classe, para o uso crítico e apropriado das TDIC nos seus contextos de vida e de trabalho.

É relevante registrar que a maioria dos estudantes de baixa renda tem como único suporte digital o celular, como demonstra o relatório. Essa constatação me levou a questionar a qualidade das aprendizagens dos estudantes, as questões relativas aos excessos do uso dessas tecnologias, o modo como se organizam para estudar e participar das aulas remotas, entre outras questões.

Sobre minhas experiências e análises docentes durante o ensino remoto

Com essa contextualização anterior, passo a contar um pouco sobre minhas experiências

e reflexões como docente durante o Período Remoto 1 (PER1), com obrigatoriedade para docentes, mas ainda optativo para estudantes. Compartilho com Josso (2004, p. 58) a perspectiva do importante papel da tomada de reconhecimento de si, enquanto sujeito para que este se permita articular

[...] as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

Sob esse viés, apresento um estudo de ação-reflexão sobre o processo vivenciado por mim no desenvolvimento da disciplina Ensino de Ciências da Natureza (2020/2) e que foi contemplado com uma bolsa de iniciação científica, financiada pela Fundação Arthur Bernardes (Funarbe). O meu projeto de pesquisa em ensino, intitulado “Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação e ensino remoto: análises das práticas pedagógicas mediadas em disciplinas da graduação e da pós-graduação”, foi selecionado no edital de chamada da agência financiadora citada e foi iniciado em setembro de 2020.

Resgatar nesta autobiografia a história dessas atividades de pesquisa e ensino são importantes para fazer um balanço das dificuldades encontradas por mim e pelos estudantes, considerando que o principal objetivo, ao postular uma bolsa para o projeto citado, foi justamente o de investigar a integração das TDIC no âmbito da formação inicial de professores, realizada nos moldes do Ensino Remoto Emergencial.

As aulas síncronas da disciplina analisada foram realizadas por meio do Google Meet, pois a universidade havia feito um contrato específico com essa empresa para que tivéssemos maior acesso aos seus recursos: gravação,

limite de participantes, espaço de armazenamento etc. Todos(as) os(as) docentes tiveram que elaborar um plano de curso adaptado ao ensino remoto, considerando as especificidades das TDIC e os espaços-tempos de aprendizagem.

Além do plano de curso, elaborei uma espécie de contrato didático, que foi lido com todos(as) os(as) estudantes, para especificar alguns modos de organização das disciplinas, incluindo as formas de participação, os preceitos éticos e outras especificações referentes às formas de nos relacionarmos uns com os outros, com os conhecimentos e com as tecnologias utilizadas. Considerei fundamental discutir algumas diferenças entre o modo presencial de ensino e o modo que, até então, não sabíamos ao certo como denominar, apesar de consensualmente ter começado a ser chamado de ensino remoto.

No planejamento das atividades síncronas e assíncronas, procurei um equilíbrio entre as duas formas, para que aos poucos pudéssemos ir nos adaptando e para que os estudantes pudessem experienciar outros modos de estudar e aprender, para além do que estavam habituados.

Desde minhas primeiras experiências com a integração das TDIC nos processos de ensino-aprendizagem, sempre procurei torná-las algo natural, pois considero que essas tecnologias contemporâneas precisam estar presentes em sala de aula, apesar de para muitos parecer algo apartado de nós e da sala de aula. Isso não significa negar as outras tecnologias que utilizamos no processo de ensinar e aprender, mas considerar, assim como Freire, Freire e Oliveira (2016), em *Pedagogia da solidariedade*, que um dos grandes desafios da educação do século XXI é formar pessoas para um mundo em mudança. Assim, entender o letramento digital como fundamental neste tempo presente é um primeiro passo para que

a educação busque superar o uso instrumental das TDIC e transforme as tecnologias para que possam ser integradas criticamente em nossas práticas pedagógicas e atender às nossas demandas educacionais.

Dito isso, apresento alguns discursos dos estudantes obtidos por meio das respostas a um formulário aplicado com eles ao final da disciplina investigada. Ao elaborar as questões foram considerados: o perfil dos estudantes; formas de acesso e condições; e compreensões sobre o PER de um modo geral.

Concentrar-me-ei aqui no relato sobre os discursos dos estudantes sobre as potencialidades e limites do ensino remoto, por causa do limite fornecido para esta escrita. Acredito que ao ouvi-los tenho um retorno mais interessante de como foi a experiência. Tomo como premissa a ideia de que não existe docência sem discência – no sentido freireano de dodiscência. Portanto, para avaliar as estratégias e metodologias utilizadas em minhas disciplinas, preciso saber desse retorno fornecido pelos estudantes.

De início, é importante trazer dados do perfil dos 38 estudantes que responderam ao formulário de pesquisa, porque através deste posso demonstrar o que havia escrito no início deste texto sobre o fato de a maioria ser oriunda de outras cidades, muitas delas em zona rural, em que o acesso e a conexão são mais problemáticos.

Dos 38 estudantes, somente 31% continuou em Viçosa. Os demais voltaram para suas cidades de origem. Quanto ao acesso à internet durante o PER1, a maioria dos estudantes (84,2 %) respondeu ter tido poucos problemas. Quanto ao uso da internet para estudo ou aprofundamento antes da pandemia, um número considerável (61%) disse estar acostumado a utilizar, mas é preciso levar em conta que uma parcela significativa (26,3 %) disse utilizar parcialmente e 10,5 % responderam que não usavam.

Eu fiquei um pouco alarmada com essas respostas, pois hoje temos disponíveis na internet uma gama de recursos, textos, resultados de pesquisa etc. Enfim, todo um conhecimento acumulado disponível em rede. Então, porque ainda tínhamos em 2020 estudantes que não viam esse espaço virtual como um lugar de aprendizagem e estudo?

Algumas explicações sobre o uso restrito da internet, fornecidas por eles, podem servir de elementos para eu entender esses índices: os materiais fornecidos pelos professores e as aulas eram suficientes; preferência por materiais impressos; só usavam quando sentiam necessidade de aprofundar conceitos de difícil compreensão ou para fazer os trabalhos solicitados pelos docentes. Essas respostas são condizentes com outros resultados do relatório TIC Domicílios que demonstram que os jovens e adultos têm usado cada vez menos a internet para estudar.

Ao ler tais justificativas, penso muito sobre a questão dos modos culturais de acesso ao conhecimento, pois muitos de nós ainda temos a necessidade de tocar um livro físico, rabiscar, anotar etc. Além, é claro, de uma série de problemas que advêm do uso excessivo da tela, da dificuldade de concentração no momento de ler e estudar no computador/tablet ou celular, entre outros. Coerentemente, ainda que uma parcela significativa prefira livros e textos impressos, o computador, segundo os estudantes, é o mais utilizado nos momentos de aula e estudo. Enfim, essas são questões para refletir, as quais ainda estou elaborando.

Sabendo que toda a pesquisa passa por processos, socializo com vocês leitores aspectos que sobressaíram nas avaliações dos estudantes sobre o ensino remoto, para encerrar o texto com essas pequenas fagulhas que, assumem no contexto atual, sentido e força para refletimos sobre novas formas de compreen-

der o momento e as nossas possíveis ações pedagógicas:

- i. as potencialidades – não gastar tempo no transporte; conseguir me manter mais tempo em trabalho, apesar de discordar muito; poder estar em casa mais tempo; poder rever as aulas quando necessários; os materiais e *slides* disponibilizados durante e após a aula;
- ii. os limites do ensino remoto – dificuldade de concentração e volume de atividades e leituras.

O caminho se faz ao caminhar: os primeiros passos são necessários

As respostas que os(as) estudantes emitiram sobre o trabalho realizado nas disciplinas por mim ministradas e os caminhos percorridos pelos sujeitos que compõem a comunidade universitária durante a pandemia precisam ser analisados com calma e à luz de teorias que permitam compreender este momento presente e essas ações emergenciais desenvolvidas pelas universidades, com ênfase nas especificidades de cada curso e de cada contexto.

Particularmente, observei um grande engajamento dos estudantes na realização das atividades e avaliações assíncronas, assim como grande criatividade. Ao buscar selecionar textos menos densos e elaborar atividades que permitissem uma reflexão crítica e condizente com suas próprias vivências, acredito que podemos juntos atravessar esse período com mais tranquilidade. Contudo, há que se continuar investindo em processos autônomos e ativos de construção do conhecimento, trazendo para o universo universitário as diferentes possibilidades de integrar as TDIC nas aulas, sobretudo nesse retorno às aulas presenciais.

Analiso que pensar criticamente a técnica e nossa relação com ela é fundamental para que possamos revermos nossas práticas pedagógi-

cas no retorno às aulas presenciais, analisarmos os limites impostos por toda uma construção histórica e cultural de universidade e de escola e buscarmos as possibilidades didáticas de explorar e trazer as tecnologias contemporâneas para a sala de aula presencial.

Apoiando-me novamente no livro *Pedagogia da solidariedade*, diálogo com Freire para dizer da urgência de promovermos uma formação universitária crítica, que busque transformar escolas e universidades em comunidades educadoras, nas quais possamos buscar soluções conjuntas para o “como formar pessoas de maneira que elas não se percam em meio às mudanças que a tecnologia vai criando” (FREIRE; FREIRE; OLIVEIRA, 2016, p. 73) no presente e no futuro.

Referências

ALVES Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa no/ do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. 167 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto alunos conectados**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/alunosconectados>. Acesso em: 31 ago. 2022.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC domicílios 2019 [livro eletrônico]. São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018** [livro eletrônico]. São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

FEENBERG, Andrew. **Transformar la tecnología. Una nueva visita a la teoría crítica**. Bernal, Editorial: Universidad Nacional de Quilmes, 2012. 312 p. (Colección Ciencia, Tecnología y Sociedad).

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da Solidariedade**, 2ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2000.

FREITAS, Denise; GALVÃO, Cecília. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, v.12, p. 219-233, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v12/v12a21.pdf> Acesso em: 03 jul. 2022.

HODGES, Charles *et. alli*. As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergên-

cia. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, v. 2, p. 1-12, jun. 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17/16>. Acesso em: 31 ago. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 59-79.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. NORONHA, Jovita M. G (org). Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (re)significação. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 119-144, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/42467> Acesso em: 31 ago. 2022.

VIEIRA-PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2005.

Recebido em: 12/09/2022

Revisado em: 15/03/2023

Aprovado em: 21/03/2023

Publicado em: 29/04/2023

Bethânia Medeiros Geremias é doutora e mestre em Educação Científica e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou Doutorado Sanduíche, pelo Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no laboratório Communications MEdiations, Organisations Savoirs (Cimeos) da Université de Dijon-França. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: bmgeremias@gmail.com